



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio-out. 2017

p. 54-77.

# Numa luta marginalizada não cabe uma atuação tradicional: a Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte

Thaís dos Santos Choucair<sup>1</sup>

Paula Cunha Lopes<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte ganhou notoriedade em 2016 por desenvolver uma série de atividades culturais, artísticas e de sociabilidade voltadas exclusivamente para mulheres lésbicas e bissexuais. Investigamos, neste artigo, a atuação do grupo a partir das teorias lésbicas e de gênero colocadas em um panorama histórico (RICH, 1980; WITTIG, 1992; 1993; BUTLER, 2005; FALQUET, 2002; SWAIN, 2015), além de outras perspectivas teóricas que dissertam sobre a atuação cotidiana e criativa dos sujeitos (DE CERTEAU, 2012; RANCIERE, 2005) como forma de participação política e resistência. Como metodologia, realizamos entrevistas semi-estruturadas com quatro participantes e organizadoras do grupo, além da observação dos *posts* na página do Facebook da Caminhada e dos eventos criados. Descrevemos as principais atividades realizadas por essas mulheres, evidenciando e problematizando algumas questões à luz das teorias utilizadas. Concluímos, entre outros aspectos, a relevância dessas ações cotidianas como forma de luta pela visibilidade e por direitos, além do caráter criativo das formas de ocupação da cidade, que fugiam do modelo tradicional e masculino de política e possibilitaram a formação de laços entre as mulheres lésbicas e bissexuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** lésbica; lesbianidade; heteronormatividade; atuação política.

**Abstract:** Belo Horizonte's Lesbian and Bisexual March gained notoriety in 2016 for elaborating a series of cultural, artistic and social activities exclusively considering lesbians and female bisexuals. In this article, we investigate the actions of the group based on the gender and lesbian theories presented in a historical panorama (RICH, 1980; WITTIG, 1992; 1993; BUTLER, 2005; FALQUET, 2002; SWAIN, 2015), as well as other theoretical perspectives that consider the day-to-day and creative practices of subjects (DE CERTEAU, 2012; RANCIERE, 2005) as a form of political participation and resistance. In terms of methodology, we conducted semi-structured interviews with four participants and organizers from the group, as well as observation of the posts on the Facebook page of the March and of created events. We conclude, amongst other perspectives, the relevance of day-to-day actions as a form of struggle for visibility and rights, as well as the creative character of the forms of occupation of the city, which go beyond the traditional, masculine model of politics and allowed the formation of bonds between the lesbian and bisexual women.

**Keywords:** lesbian; lesbianism; heteronormativity; political action.

**Resumén:** La Caminata de Lesbianas y Bisexuales en Belo Horizonte ha ganado notoriedad en 2016 por desarrollar una serie de actividades culturales, artísticas y sociales exclusivamente para mujeres lesbianas y bisexuales. En el artículo, nosotras investigamos la agencia del grupo a través de teorías lesbianas y de género con una perspectiva histórica (RICH, 1980; WITTIG, 1992; 1993; BUTLER, 2005; FALQUET, 2002; SWAIN, 2015), además de otras perspectivas teóricas que tratan con actividades diarias y creatividad de las sujetas (DE

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: choucair.thais@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cpaulalopes@gmail.com

Recebido em 06/03/17  
Aceito em 21/04/17

CERTEAU, 2012; RANCIERE, 2005) como una forma de participación y resistencia. Nuestra metodología se nutre de entrevistas semiestructuradas con cuatro mujeres participantes y organizadoras, además la observación de los *posts* en la página de Facebook de la Caminata. Nosotras describimos las principales actividades cumplidas por las mujeres, demostrando y problematizando algunas cuestiones a la luz de las teorías empleadas. Llegamos a la conclusión de que, además de otras cuestiones, la pertinencia de las acciones cotidianas como lucha por la visibilidad y derechos, incluso el carácter creativo de las ocupaciones de la ciudad, que huyen los modelos tradicionales y masculinos de política, que hicieron posible la creación de vínculos entre las mujeres lesbianas y bisexuales.

**Palabras clave:** lesbiana; lesbianidad; heteronormatividad; acción política.



## 1. Introdução

Em 1996, o I Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE) reivindicou o dia 29 de agosto como o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. Um ano depois, em 1997, acontecia a primeira Parada LGBT do Brasil, em São Paulo, mas, naquele ambiente, parecia não haver muita presença lésbica. Na ocasião, o evento se chamava Parada do Orgulho Gay e tinha como tema “Somos muitos, estamos em várias profissões”. Em uma entrevista para a revista *Vice*, Laura Bacellar, 55 anos, que esteve presente na primeira Parada do Brasil, disse sobre a presença de mulheres:

Pouquíssimas. As mulheres são sempre minoritárias nesses movimentos grandes. Talvez pelo medo de apanhar, de haver confronto, de serem vistas. Elas têm medos com razão, nós não estamos exatamente numa sociedade respeitosa para com mulheres. Dava pra contar nos dedos quantas mulheres tinham lá naquele dia, mas as que tinham eram muito corajosas e falavam muito bem, com presença efusante, agarrando a bandeira do mesmo jeito.<sup>3</sup>

Só dois anos depois, em 1999, a Parada passou a ser do Orgulho GLBT (na época o G ainda ficava à frente da sigla). Em 2003, quatro anos após a mudança de nome, foi realizada a primeira Caminhada Lésbica do Brasil, também em São Paulo. Dois anos depois, em 2005, a ideia da Caminhada alcançava Belo Horizonte, quando foi organizada pela primeira vez na capital mineira. Naquela época, a Associação das Lésbicas de Minas Gerais (ALEM) era responsável pelo evento, que acontecia numa data próxima à Parada LGBT. Em 2008, o nome da Parada mudou para Parada do Orgulho LGBT devido ao movimento mundial de tentar dar mais visibilidade às lésbicas através do nome da sigla. Um ano depois, em 2009, a ALEM decidiu realizar a Caminhada na data estabelecida em 1996 para o dia da visibilidade lésbica: 29 de agosto. O evento tem acontecido na cidade nesse formato desde então. A ALEM foi extinta em 2012, mas outros movimentos e pessoas independentes assumiram a organização e, ano após ano, a Caminhada sai às ruas de Belo Horizonte com novas integrantes. Desde 2013 o nome foi alterado para Caminhada das Lésbicas e Bissexuais.

Já em outras edições, ocorreram iniciativas voltadas para a realização de eventos paralelos à Caminhada, como seminários, sessões de cinema comentadas, entre outros. Em 2016, porém, essas atividades foram mais presentes. Os eventos realizados pela Caminhada Lésbica e Bissexual ganharam notoriedade por explorar vários espaços da cidade e por oferecer diferentes tipos de atividades voltadas apenas para mulheres lésbicas e bissexuais. Os modos tradicionais de política -

---

<sup>3</sup> NAÍSA, Letícia. Relembramos como foi a primeira parada LGBT do Brasil, 2016. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/primeira-parada-lgbt-do-brasil](https://www.vice.com/pt_br/article/primeira-parada-lgbt-do-brasil)>. Acesso em: 20 jan. 2017.



como protestos, por exemplo - também estiveram presentes, mas é especialmente sobre essa atuação não-tradicional que nos debruçamos aqui.

A história da lesbianidade está marcada pela invisibilidade, marginalização e ausência de laços. Num mundo heteronormativo, as lésbicas sofrem duplamente - enquanto mulheres e enquanto dissidentes da heterossexualidade. Diante desse contexto, buscamos compreender neste artigo como a Caminhada das Lésbicas e Bissexuais se organizou e atuou na cidade, buscando localizar esse movimento diante de um apanhado histórico das teorias e questões sobre as lutas das lésbicas (RICH, 1980; WITTIG, 1992; 1993; BUTLER, 2005; FALQUET, 2002; SWAIN, 2015). Além disso, pensamos também a atuação criativa e não-tradicional da Caminhada, calcada no cotidiano e nas formas inventivas, a partir de Michel de Certeau (2012) e Ranciere (2005). Para tal, como metodologia, realizamos quatro entrevistas com organizadoras do movimento. Além disso, observamos os *posts* no facebook da Caminhada e estivemos presentes em eventos realizados pelo movimento. É preciso ressaltar, ainda em relação à metodologia, que nos colocamos enquanto feministas, ativistas e apoiadoras dos movimentos LGBTs e, portanto, construímos nosso olhar a partir da nossa experiência subjetiva.

## 2. A luta das lésbicas

As primeiras teorias lésbicas, surgidas nos anos 70, estão inseridas num contexto em que há uma conexão profunda entre feminismo e lesbianidade, não somente nos movimentos sociais, mas no próprio entendimento do ser lésbica. A primeira autora a destacarmos nesse contexto é Adrienne Rich (1980) que tem seus principais trabalhos acerca do conceito de heterossexualidade compulsória, seguida por Monique Wittig (1992, 1993), que escreve sobre o lesbianismo como revolucionário. Nos anos 70 e 80, então, constituem-se três principais movimentos políticos e sociais que andavam paralelamente com as produções acadêmicas sobre as lésbicas: lesbianismo feminista, lesbianismo radical e lesbianismo separatista.

Nesse primeiro momento, ao mesmo tempo em que calcadas dentro do feminismo, as lésbicas procuravam argumentar contra um apagamento e uma visão distorcida da lesbianidade que se perpetuava no movimento feminista. Simone de Beauvoir, por exemplo, principal nome da história feminista, no livro *O segundo sexo*, em 1949, tem várias de suas falas sobre as lésbicas extremamente criticadas nas próximas décadas.



Beauvoir desenha um retrato pouco lisonjeiro das lésbicas, modeladas no medo e na recusa do confronto: “Elas consideram de bom alvitre desviar-se de um parceiro que se apresente sob a figura de um adversário; e desta forma libertam-se dos entraves implicados pela feminilidade”. O lesbianismo aparece também como o fracasso de uma sexualidade “normal”, último refúgio das mulheres cujo físico ingrato não atrai os homens. “Desgraciosa, mal formada, uma mulher pode tentar compensar sua inferioridade adquirindo qualidades viris”, dirá Beauvoir (SWAIN, 2015, p.113).

Tânia Navarro Swain (2015) argumenta que “no afã de explicar porque uma mulher se torna lésbica, Beauvoir mergulha na norma da heterossexualidade” (p. 151), ou seja, Beauvoir tentou explicar a lesbianidade dentro do sistema da heterossexualidade, o que a levou para uma inevitável falha. Em algumas das mais criticadas frases do *O segundo sexo*, Beauvoir diz que:

O desdém masculino confirma a feia no sentimento de sua falta de beleza; a arrogância de um amante ferirá a orgulhosa. Todos os motivos de frigidez nos quais pensamos: rancor, inveja, medo da gravidez, traumatismo provocado por um aborto, etc., encontram-se aqui (...) Tornar-se lésbica é, portanto, uma saída para a inveja, a feiura, as famosas ‘mal amadas’ que se voltam para o mesmo sexo pela impossibilidade de ter relações ‘normais’ ou por frigidez pura e simples. (...) se sua sensibilidade erógena não é desenvolvida, ela não deseja as carícias masculinas. (...) inacabada enquanto mulher, impotente enquanto homem seu malestar se traduz às vezes através de psicoses (BEAUVOIR, 1980, p. 151).

Esse quadro teórico de Beauvoir que, apesar de ter sido popularizado por essa autora, era compartilhado por suas contemporâneas e começa a ser sacudido nos anos 80. Num dos mais clássicos textos feministas da História, Adrienne Rich, em *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* reivindica que o feminismo coloque a questão das lésbicas como algo central, mas deixa claro desde o princípio que seu objetivo não é “ampliar ainda mais as divisões” (RICH, 2010, p. 19), se referindo às já numerosas vertentes e divisões que acompanham as lutas e teorizações das mulheres desde a segunda onda feminista, desenvolvida principalmente nos anos 60 nos EUA e na Europa. Rich aponta que a violência e perseguição que esse grupo enfrentava nessa época não se dava só nos espaços institucionais, mas inclusive dentro dos espaços de militância:

Se ela não se disfarça, a lésbica enfrenta discriminação quando procura aluguel, ou, então, perseguição e violência nas ruas. Mesmo dentro de instituições influenciadas pelo feminismo, tais como abrigos de mulheres agredidas e os programas acadêmicos de Woman’s Studies, lésbicas assumidas são demitidas e outras são persuadidas a ficar ‘no armário’” (RICH, 2010, p. 19).

A autora coloca a questão das lésbicas dentro do quadro do conceito da heterossexualidade compulsória, que aponta para o fato de que “as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são inevitáveis componentes de suas vidas - mesmo se



opressivos e não satisfatórios” (RICH, 1980, p.26) Alguns processos são exemplificativos de como a heterossexualidade compulsória age, como “o cinto de castidade, o casamento infantil (...) a idealização do casamento heterossexual” (RICH, 1980, p.23). Um outro exemplo é que há uma pressão social sobre as mulheres solteiras e sua existência só seria completa ao lado de um homem. Assim, o conceito da heterossexualidade compulsória se referiria a um sistema de socialização, cultural, social e político que impõe a heterossexualidade - e um modelo específico de heterossexualidade - às mulheres.

A existência lésbica, para Rich, teria relevância não apenas para as lésbicas, mas para todas as mulheres, incluindo as heterossexuais, porque atuaria como um desafiador ao sistema da heterossexualidade compulsória.

Quando nós encaramos de modo mais crítico e claro a abrangência e a elaboração das medidas formuladas a fim de manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, quaisquer que sejam suas origens, torna-se uma questão inescapável que o problema que as feministas devem tratar não é simplesmente a “desigualdade de gênero”, nem a dominação da cultura por parte dos homens, nem qualquer “tabu contra a homossexualidade”, mas, sobretudo, o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas. Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica, um continente engolfado que emerge à nossa vista de modo fragmentado de tempos em tempos para, depois, voltar a ser submerso novamente. A pesquisa e a teoria feminista que contribuem para a invisibilidade ou marginalidade lésbica estão realmente atuando de modo contrário à libertação e ao empoderamento das mulheres como um grupo (RICH, 1980, p.34).

A existência lésbica seria “tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida (...) uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência”. (RICH, 1980, p. 36).

Uma característica da “existência lésbica” para a qual a autora chama atenção são os aspectos culturais de construção de um grupo. Como ela aponta, “a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social” (p. 40). Esse processo se deve às violências e às ações de diferentes grupos ao longo da História, como alguns grupos religiosos, por exemplo, mas também pela dificuldade de as lésbicas criarem laços e comunidades próprias, ao contrário do que acontece com os homens homossexuais, por exemplo, que constituíram e constituem grupos, culturas e identidades mais elaboradas e compartilhadas. Devido à ausência desses espaços de construção de



grupo, historicamente, as lésbicas se colocaram próximas aos homens gays, fato que, se por um lado permitiu diversas lutas compartilhadas, por outro apagou a existência lésbica devido às diferenças entre essas duas existências:

Parte da história da existência lésbica está, obviamente, a ser encontrada em contextos onde as próprias lésbicas, na ausência de uma comunidade feminina coerente, têm compartilhado um tipo de vida social e de causa comum com homens homossexuais. Mas há diferenças: a falta de privilégio econômico e cultural das mulheres, comparado aos homens; diferenças qualitativas nas relações masculinas e femininas – por exemplo, os padrões de sexo anônimo entre homossexuais masculinos e o pronunciado peso negativo da idade nos padrões de atração sexual entre homossexuais masculinos. Percebo a experiência lésbica a ser, tal como a maternidade, uma experiência profundamente feminina, com opressões, significados e potencialidades particulares, que não podemos compreender quando nós a agrupamos simplesmente com outras existências sexualmente estigmatizadas (RICH, 1980, p.37).

Por fim, Rich constrói mais contundentemente seu argumento de que a existência lésbica é política por ser, em si, uma forma de resistência às relações de violência, dominação e subordinação das mulheres. Ela usa a história de várias mulheres de diferentes continentes que através de ações como festejar o nascimento de meninas (enquanto todo o mundo fazia o contrário), organizar mulheres em fábricas, se recusar ao casamento imposto pela família ou assumirem uma lesbianidade, constituíram ações de resistência.

A autora rejeita a visão de que as mulheres sempre foram dominadas sem qualquer tipo de resistência ou ação por parte das mesmas. Se Rich desenvolve um conceito de heterossexualidade compulsória, é a partir daí que outras autoras mais contemporâneas desenvolvem a ideia de “heteronormatividade”, que é a noção de que na maioria das culturas contemporâneas a heterossexualidade é posta como norma (FALQUET, 2002). Ser heterossexual é tido como o “normal”, como o “natural”, como o “correto”. Além da grande e massiva maioria das produções culturais como filmes, novelas, livros, etc., explicitarem um modelo heterossexual de relacionamento, a relação heterossexual também é dada como norma no nível das leis. No Brasil, por exemplo, diversos direitos são apenas direcionados à sujeitos integrantes de relações heterossexuais (questões ligadas à previdência social, o casamento, convênios médicos, entre outros). A heterossexualidade como uma norma valorada moral e culturalmente também é perceptível em outros níveis sociais, como nas interações cotidianas no âmbito das famílias, amigos, trabalho e escola – nos quais, muitas vezes, a homossexualidade é punida com rejeição familiar, estupro corretivos contra lésbicas, agressões físicas, agressões verbais, etc.



Contra essa normatização e almejando que os sujeitos que não se encaixavam nessa heterossexualidade também fossem reconhecidos como detentores de direitos, houve um certo fenômeno de homogeneização da categoria “homossexual” que partiu dos movimentos gays e até mesmo de produções acadêmicas a partir dos anos 70, especialmente nos Estados Unidos, mas também depois em todo o Ocidente, ganhando grandes dimensões mundiais especialmente nos anos 90, no movimento da chamada busca pelos direitos iguais. Esse deslocamento tem muito a ver com um contexto político mais amplo: enquanto as teorias feministas lésbicas se apoiavam no materialismo, inseridas no feminismo de segunda onda, as teorias que colocavam a lesbianidade em termos de sexualidade e diversidade se encontravam em contextos de produções mais liberais do mundo pós-socialista.

Mais recentemente, uma terceira via em torno da lesbianidade tem sido a mais comumente utilizada: a que parte da teoria queer, formulada por várias pessoas, entre elas Judith Butler (2005), e que está calcada no contexto das produções pós-estruturalistas. Butler busca nas teóricas lésbicas e nas teorias sobre o corpo e sobre o poder as bases para a noção de queer: aquele/a que não se encaixa, que foge à norma, que a desafia. Ambos os enfoques, feministas da segunda onda e o queer, tomam tanto o gênero quanto a sexualidade como algo socialmente e culturalmente construído, propondo a dissolução da dicotomia gênero/sexo. "Considerando que o sexo é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio" (BUTLER, 2015, p. 197).

Tais perspectivas concordam, também, que a heterossexualidade é imposta aos seres humanos. A heterossexualidade feminina constitui a feminilidade, ou seja, uma série de imposições às mulheres, construindo-as com algumas características como submissão, passividade, menos direitos, etc. Assim, a homossexualidade quebraria esse protocolo patriarcal, especialmente a homossexualidade feminina que, devido a esse sistema social e cultural, seria tornada marginal, estigmatizada e alvo de violências. No entanto, enquanto para Wittig, as lésbicas seriam a única forma de eliminar a heterossexualidade compulsória, pois libertariam a categoria do “sexo”, que seria a forma de dominação dos homens sob as mulheres, para Butler (2015) essa formulação radical ainda mantém a relação binária oposicional ao homem. "Como sujeito que pode realizar a universalidade concreta por meio da liberdade, a lésbica de Wittig confirma, ao invés de contestar, as promessas normativas dos ideais humanistas cuja premissa é a metafísica da substância" (p. 48). Assim, para Butler, o projeto de Wittig de emancipação lésbica radical "não só confirma o status





pré-social da liberdade humana, mas subscreve a metafísica da substância, responsável pela produção e naturalização da própria categoria de sexo" (p. 49).

Segundo Butler (2005), tal heterossexualidade compulsória é reforçada e naturalizada por meio de práticas reguladoras e um conjunto de significados socialmente estabelecidos, que produzem um gênero "aparentemente coerente" (p.235). "Os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora" (p. 235). Assim sendo, segundo a autora, a única forma de romper essa lógica binária e a *performatividade de gênero* é por meio de um deslocamento perpétuo capaz de constituir uma fluidez de identidades abertas à resignificação e à recontextualização (p. 238). Nesse sentido, ela irá dizer que a tarefa crucial do feminismo é "situar as estratégias de repetição subversiva facultadas por essas construções, afirmar as possibilidades locais de intervenção pela participação precisamente nas práticas de repetição que constituem a identidade e, portanto, apresentar a possibilidade imanente de contestá-las" (p. 254), rompendo a hierarquia do gênero, a heterossexualidade compulsória e desestabilizando a naturalização dos corpos.

As lésbicas, contemporaneamente, têm "estratégias conscientes" que "resistem à hegemonia da relação binária" (COSTA, 2012, p.209), ou seja, agem individual ou coletivamente para romper com esse sistema binário de sexo e gênero, "desafiando a imposição heterossexual sobre os corpos e a categoria sexo, além de reafirmar direitos que são negados e enfrentar a invisibilidade e o silêncio contextualizado socialmente" (COSTA, 2012, p. 210).

### 3. Criando a política

Pensaremos então nas práticas subversivas e intervenções das quais fala Butler (2015) no contexto da Caminhada. Para isso, também usaremos o pensamento de dois outros autores: De Certeau (2012) e Ranciere (2005). Ambos dão importantes contribuições sobre o fazer político, especialmente sobre aquele não tradicional, aquele calcado no cotidiano, nas intervenções subversivas e na criatividade dos sujeitos marginalizados e oprimidos.

Michel De Certeau (2012) critica o conceito de cidade moderna, à qual ele associa à ideia do Estado hobbesiano, e aponta três características desse modelo de cidade. Em primeiro lugar, ela produz "um espaço próprio"; aquele lugar é próprio para determinada coisa, é único, serve àquilo; "a organização racional deve portanto recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a



comprometeriam” - tudo que não serve ao próprio, ao estabelecido como próprio, deve ser excluído. Em segundo lugar, há o estabelecimento de um “não-tempo”, a aniquilação das “resistências inapreensíveis e teimosas das tradições”. Em terceiro lugar, “enfim, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade” (DE CERTEAU, 2012, p. 171).

Para De Certeau, mesmo com o funcionalismo, o totalitarismo e as demais características da cidade moderna que apontam para o uso único e universal, o sujeito único e universal, surgem no cotidiano das pessoas usos diferentes, diversidade, estratégias e táticas de apropriação.

A linguagem do poder "se urbaniza", mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob dos discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional - impossíveis de gerir (DE CERTEAU, 2012, p. 174).

De Certeau faz uma diferenciação importante: o lugar e o espaço. O lugar remete ao geométrico, ao planejado: “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do próprio (...) Implica uma indicação de estabilidade” (DE CERTEAU, 2012, p. 201). Já o espaço remete ao uso, aos sujeitos. Em resumo, “o espaço é o lugar praticado” (DE CERTEAU, 2012, p. 202).

É esse outro lado, dos usos, apropriações e práticas, ou seja, dos espaços, que interessa De Certeau e nos interessa neste artigo. De Certeau pergunta a Foucault: “mas a esses aparelhos produtores de um espaço disciplinar, que práticas do espaço correspondem, do lado onde se joga (com) a disciplina?” (DE CERTEAU, 2012, p. 175). Diante do “próprio”, do “não-tempo” e do “sujeito universal” projetado na cidade de Belo Horizonte, quais as práticas do espaço da Caminhada das Lésbicas e Bissexuais? Como essas mulheres jogaram com os lugares e a disciplina? Que tipo de atuação construíram nesses espaços diante da opressão e invisibilidade que sofrem?

Outro autor que fala da atuação política dos sujeitos é Jacques Ranciere (2005). Ele se opõe às democracias modernas liberais e aponta as contradições desse sistema político que, para ele, gera uma farsa da participação política. Para Ranciere, seria necessário uma política que dê conta dos que ele denomina “os sem-parte”: aqueles que estão à margem e fora das esferas de decisão. Essa nova política seria o dissenso: os modos de ser e agir que perturbam a ordem vigente, que divergem,



que trazem algo que incomoda mesmo que de forma não-dizível. O dissenso, para Ranciere, é criado no cotidiano a partir das invenções dos sem-parte, que criam os conflitos e deslocamentos e que, ao fazê-los, criam a verdadeira política.

#### 4. A Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte

Para analisarmos a atuação das mulheres lésbicas e bissexuais, primeiramente, entrevistamos quatro mulheres lésbicas que estiveram envolvidas com as atividades organizadas, especificamente, em 2016, em alguma medida - de organizadoras à participantes, com atuação recente ou há mais tempo. As quatro mulheres apresentam perfis bem distintos e diferenças marcadas - duas são negras e duas são brancas, uma delas é mãe, duas têm 23 anos, uma 27 e outra 35. Fizemos um roteiro de perguntas semiestruturadas para direcionar as entrevistas, mas com certa liberdade para a conversa, de acordo com o que estava sendo dito sobre cada uma das atividades e formas de atuação. Por meio das entrevistas, foi possível perceber algumas tensões internas nas atividades do coletivo, como a presença de homens em determinados momentos, por exemplo.

Além disso, observamos os eventos públicos no Facebook e a página da Caminhada das Lésbicas e Bissexuais da Grande BH que, no momento de escrita deste texto, possuía 1.955 curtidas. Através das postagens e dos comentários, foi possível notar, principalmente, aspectos da comunicação, como a linguagem utilizada pela organização dos eventos, as táticas criativas de divulgação e as interações entre organizadoras e participantes. Além disso, ficou claro o importante papel das redes sociais "como formas contemporâneas de ativismo político"(ALZAMORA; BRAGA, 2014, p. 22).

Como dito anteriormente, a Caminhada ganhou notoriedade em 2016 por realizar uma série de atividades paralelas ao evento principal, que é o ato realizado todos os anos na data da visibilidade lésbica. Assim, abordamos diversos aspectos da atuação do grupo apresentados nas entrevistas separando os tópicos pelas atividades realizadas.

##### a) FutSapa

Um dos eventos realizados pela Caminhada foi uma competição de futebol de salão (futsal) só para mulheres. As inscrições eram feitas por time ou individualmente numa plataforma online



disponibilizada pela organização. A entrevistada Maria<sup>4</sup> contou que o objetivo da realização dessa atividade foi o de atingir públicos conformados por lésbicas que ainda não estavam envolvidas em atividades políticas: “A gente queria atingir as lésbicas não politizadas e, para isso, pensamos que uma estratégia boa seria esse tipo de atividade, porque tem muita sapatão que gosta de jogar bola”. Logo em seguida, a entrevistada mencionou a questão do espaço físico: “Aí começou a luta pra achar um lugar (risos)”. A trajetória do grupo para encontrar uma possibilidade de espaço na cidade foi difícil: “A gente orçou umas quadras, mas não dava o nosso dinheiro. Aí algumas mulheres olharam em escolas públicas, pra fazer lá tipo em um sábado. A gente queria que fosse no centro, né, pra facilitar a ida das mulheres, porque deslocar é muito caro. Aí alguém lembrou que no Parque Municipal tem uma quadra”. A cidade de Belo Horizonte, a princípio, não permitia a possibilidade de um campeonato de times de futsal de um movimento que dispunha poucos recursos financeiros. Entretanto, o grupo encontrou em uma quadra de um parque público - que de forma alguma foi planejada com a finalidade de um evento como esse - uma possibilidade criativa.

Procuramos saber como funcionava pra usar, e precisava de gente pra garantir o horário no dia. Foi uma luta, assim. Várias mulheres tiveram que chegar super cedo pra gente ir reservando os horários. Ninguém achou que ia dar certo, todo mundo achou que ia dar algo errado e no final deu certo. E detalhe, né, já tinham vários times inscritos. Todo mundo achando super doido ter um campeonato de sapatão. Todos os times e pessoas inscritas foram, ficou lotado. (Maria)

O parque municipal virou a quadra do FutSapa e esse era o sentido desse espaço. A coletividade e a criatividade permitiram o uso do lugar, mas a burocratização da gestão do parque tentou uma nova normatização do “próprio” da quadra: “Pro FutSapa a gente usou o parque municipal e era até tranquilo antes. Precisava de duas pessoas pra conseguir uma hora de quadra. Mas depois do primeiro Futsapa eles deixaram o processo bem burocrático, precisa agora de dez assinaturas para conseguir uma hora” (Débora). Mesmo assim, e indo de acordo ao que De Certeau pensava das táticas dos sujeitos nos usos dos espaços, “impossíveis de gerir”, a Caminhada, novamente, através da coletividade e criatividade, tornou possível o FutSapa no seu espaço: “A gente chegou a fazer outro e até conseguimos, saímos pedindo assinaturas no meio do parque (risadas). Mas acabou que choveu no dia e cancelamos” (Débora).

Ao descrever o espaço do Futsapa, Maria relatou:

---

<sup>4</sup> Os nomes das entrevistadas foram alterados devido à segurança e à privacidade. Os nomes utilizados neste artigo são fictícios.



As mulheres ficavam no canto da quadra, tinha um degrauzinho assim que dava pra sentar. Mas não tinha muito espaço. Mas a gente usou como dava. Algumas ficaram lá fora também, conversando em rodas, na grama. A gente tava tomando cerveja. Na verdade a gente tava vendendo pra conseguir dinheiro para Caminhada, e acabou tudo, todo mundo comprou. (...) Não sei o que a gente ia fazer se não fosse aquela quadra, porque ela é muito fácil de ir de ônibus, metrô, é perto de tudo, e deu muito certo. (Maria)

É interessante perceber o que está presente no relato da entrevistada: onde as mulheres se sentavam, como vendiam cerveja, o que as mulheres faziam em que lugar (na grama, no degrau). O sentido do lugar também é construído a partir da sua facilidade de locomoção (ônibus, metrô). Nas palavras de De Certeau, “os relatos (...) todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles o selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços” (DE CERTEAU, 2012, p.199).

### **b) SapaDay**

Outro evento realizado pela Caminhada foi o chamado SapaDay - um festival com várias oficinas apenas para mulheres durante um dia inteiro.

O SapaDay a gente fez na Casa Azul. Essa Casa era um espaço que não era muito utilizado também pela UFMG, a gente conseguiu o espaço com a gestão do DCE. Foi tranquilo conseguir lá. Lá é ótimo, muitas salas, bem grande, e no meio do centro. Tivemos só que arrumar tudo antes porque tava muito sujo porque não usavam há um bom tempo. Limpamos, decoramos tudo. Colocamos imagens relacionadas à lésbicas, símbolos e tal. Inclusive tinha algumas pixações de pênis e cobrimos com fotos de sapatão (risos). Ficou lindo! (Maria)

Mais uma vez é possível perceber a criatividade e coletividade nas táticas de uso dos espaços. Um lugar não utilizado por uma instituição, sujo e com desenhos que incomodavam o grupo se transformou através da ação que lhe deu um sentido, e se transformou em um espaço - o espaço do Sapaday, o espaço das oficinas, o espaço da sociabilidade: “Eu particularmente gostei muito do sapaday. Foi a oportunidade de conhecer, dialogar e fortalecer laços com mulheres maravilhosas. As oficinas ofertadas foram sensacionais. Participei do forró, roda de conversa sobre saúde da mulher lésbicas e bi, com as meninas da Alziras, e acho que só.” (Raquel).

Na página do facebook da Caminhada foi postado um relato sobre o Sapaday:

(...) gostaria de dizer algumas palavras sobre o Sapaday de BH, puxado pela organização da XIII Caminhada Lésbica e Bissexual (...) porque eu realmente tô emocionada bastante ainda passadas



exatas 24h desde o ocorrido. De tanto que a palavra "empoderamento" foi banalizada pra vender enquanto batom da avon, boneca, estilo de vida, absorvente com cheiro de flores do campo, cd da filha do Didi, a nova marca de sapatos de luzinha, de rodinha e de molas infravermelhas, enfim; enquanto produto agente sobre individuais ou mesmo enquanto um conceito individual do puramente "sentir-se bem e é isso aí", eu fui perdendo a fé no conceito real da coisa e, assumo, me desanimando com relação ao real empoderamento (...) Mas aí me acontece um festival completamente autônomo e autofinanciado, lésbico, exclusivamente feminino e exclusivamente sobre mulheres e para mulheres. E me acontece de surgirem várias mulheres se dispondo a dar aulas e oficinas e mais: várias mulheres comparecendo às oficinas, com muita seriedade e com o propósito de aprender umas com as outras. E não foi pouca coisa, foi do forró à defesa pessoal e dos reparos domésticos (descobri tudo sobre as lâmpadas em série e brocas da furadeira) à oficina de batuque. O espaço tava lotado, e não parecia com qualquer outro lugar que eu já tinha frequentado em BH ou mesmo com qualquer evento político que eu já tinha colado, com um direcionamento tão claro e efetivo a nós, mulheres lésbicas. A gente conseguiu, em muito pouco tempo e com relativamente muito pouco (tirando o esforço e cansaço) fazer um evento de escambo intelectual e criativo, imenso, maravilhoso, em um ambiente completamente confortável e de empatia. Foram no mínimo 100 sapatonas circulando pela casa no correr do dia inteiro aprendendo e ensinando, e eu lá, correndo de lá pra cá com os bilhetinhos do Rebuceteio Elegante (como eu já disse, sou encarregada oficial do muito pouco necessário) e vendo aquilo tudo. Bom, aí me veio aquela pontadinha suavemente deliciosa de que, até que enfim, saímos do banal e criamos um espaço de empoderamento de verdade, pelo qual vamos lutar pra manter vivo e pulsante como esteve nesse sábado, dia 20 de agosto, na trave do dia do orgulho lésbico. É isso aí, nenhuma de nós a menos!

Ao falar dos relatos de espaço, De Certeau diz: “[O relato] sem dúvidas ‘descreve’. Mas toda descrição é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços” (DE CERTEAU, 2012, p. 209). Na Figura 1 podemos ver outro post em que é afirmado a construção do espaço, descrito, projetado. Analisar, afirmar, descrever, enfim, relatar o espaço do Sapaday na página é um ato de criar esse próprio espaço. De acordo com De Certeau, funda o espaço. “Os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço” (DE CERTEAU, 2012, p. 207).



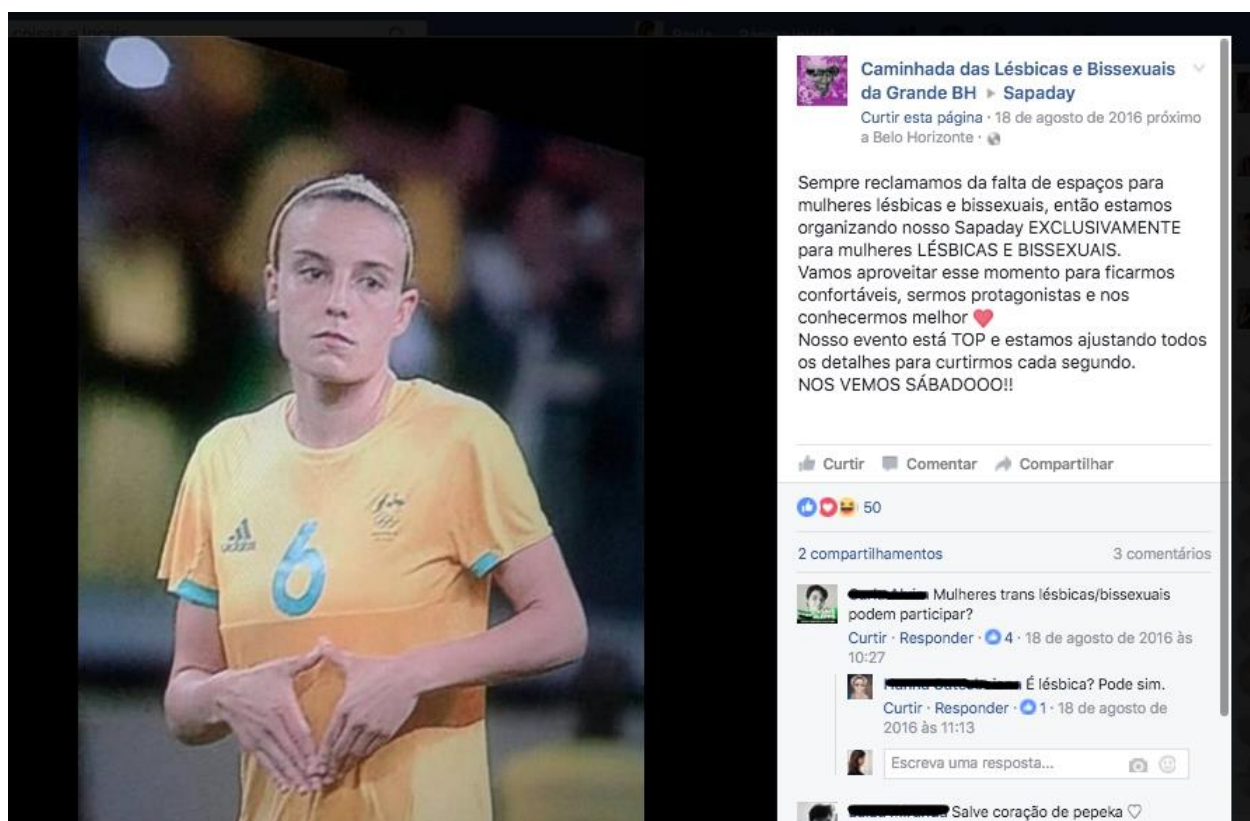


Figura 1 - Post sobre o SapaDay

Ainda sobre o SapaDay, a entrevistada Raquel relatou: “Eu tenho uma filha e levei ela. A organização fez uma creche lá pras lésbicas mães e tal. O que me incomodou lá no Sapaday foi o uso de maconha no local, não só porque minha filha estava lá, mas também por ser um espaço comum com outras e que deveria ser respeitado.” (Raquel). As lésbicas não são um grupo uno, e sim marcados por diferenças internas. Uma mulher lésbica também tem outras características, como por exemplo, é mãe, e leva sua filha para as atividades, enquanto outras mulheres também lésbicas estão utilizando o espaço de outra maneira, gerando uma tensão nesses dois usos.

### c) Cineminha Sapatão

Um outro evento realizado foi o chamado Cineminha Sapatão, na Casa Tina Martins. Débora contou sobre a atividade:

A gente também utilizou o espaço da Tina Martins. Também foi tranquilo. Só conversamos com as meninas da ocupação e tal. Elas ofereceram, a gente fez o cineminha lá. Colocamos uns colchões, almofadas. Mas foi muito mais gente do que a gente imaginou, aí custou a caber (risos). (...) Ficamos chocadas porque era tarde já e ainda tinha muitas mulheres lá querendo conversar sobre o filme, sobre suas experiências de vida como lésbicas. Ah, esse dia deu muita confusão pra arrumar



o projetor e o som. O som deu errado, uma menina teve que ir correndo na casa dela buscar outro, fizemos uma vaquinha pro Uber. (Débora)

Novamente, a criatividade e a coletividade do grupo fica expressa nas entrevistas. Mas nesse evento uma tensão relativa aos espaços ficou evidente. Débora mencionou nessa mesma parte: “sempre pensamos em fazer eventos voltados só para mulheres né? Mas no cineminha apareceu uns caras acompanhando algumas meninas. Amigos, sei lá. Aí deixamos durante o filme, mas depois, na roda de conversa, a gente pediu pra sair.”. No FutSapa esse tensionamento com a presença masculina também foi relatada:

Ah, uma coisa sobre o espaço é que tinha muitos homens em volta, e várias horas incomodava, porque eles ficavam gritando o que as meninas que tavam jogando tinham que fazer. Tipo “Ah, a loira joga bem”, “Faz isso morena, aquilo, e tal”. Uma hora duas meninas da organização tiveram que ir lá pedir pra ele parar. (Maria)

Também no Sarau esse tipo de questão aparece no relato das entrevistadas, mas dessa vez contornado com o que De Certeau chamaria de tática:

Também teve o problema de homens virem falar com a gente. Acho que eles se sentem no direito porque é um monte de mulher junta, né. Se fosse homem isso não ia acontecer. Ficavam perguntando o que era aquilo e tal. A gente inventava mil coisas. Uma hora uma das meninas falou que era o encontro das pessoas que são a favor de azeitonas (risos). Outra falou que era um encontro para conversar sobre alguém que morreu. (risos) (Maria).

A tática joga “com o terreno que lhe é imposto”. Ela “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende (...) Em suma, a tática é a arte do fraco”. Ora, o humor da resposta diante da intromissão masculina não pode ser descrita de outra forma senão como uma tática, “cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (DE CERTEAU, 2012, p. 100-101).

#### **d) Bloco Cole Firme Nesse Velcro**

Durante a Parada LGBT de 2016, também com o objetivo de dar visibilidade ao movimento de lésbicas e bissexuais, foi criado o Bloco Cole Firme Nesse Velcro. Em um vídeo postado na página da Caminhada, no dia 16 de junho, observamos algumas participantes, durante a Parada, no microfone, em cima de um palco. Uma delas dá um depoimento emocionada e convida todas as lésbicas presentes a participarem da Caminhada e a conhecerem o Bloco. Ela diz:





[...] sou feminista e militante lésbica independente. Esses dias, eu estava ouvindo rádio e estavam falando da Cássia Eller, e falaram cinco vezes que ela era gay. Ela não era gay, ela era lésbica! A gente tem que parar de ter medo da palavra lésbica, porque foram duas lésbicas que começaram a Parada aqui em Belo Horizonte. Mas a gente nunca teve espaço direito, nem aqui e nem em nenhum lugar LGBT. Colocaram o "L" na frente só como formalismo, mas a gente existe! E a gente existe e por isso a gente tá organizando a 12ª Caminhada Lésbica e Bissexual, que vai acontecer em agosto. E por isso, a gente está aqui hoje, com o Bloco Cole Firme Nesse Velcro.

Após sua fala, um grupo na platéia começa a gritar "Sapatão! Sapatão! Sapatão", comemorando e ovacionando a sua intervenção e crítica feita à Parada. Nas entrevistas, essa tensão relativa à falta de espaço para lésbicas dentro das Paradas LGBTs reapareceu em algumas falas:

Na Parada de Contagem, na Parada de BH, nas duas fizemos um bloco Cole Firme Nesse Velcro, para dar visibilidade para lésbicas e bis. Era o nosso lugar dentro das Paradas. E nesses dois blocos usamos o batuque, ele era muito importante pra cantarmos nossa música, chamarmos atenção. (Sara)

Em 2016, é quando a Caminhada meio que separou da Parada Gay. Chama Parada LGBT né? Mas eu prefiro falar Parada Gay porque acho que é só isso. Não tem lésbica lá. E essa coisa de separar foi muito importante para reafirmar nossa visibilidade e nossa independência. (...) Eu decidi participar da Caminhada porque sentia falta desses espaços só para lésbicas e não senti que a Parada Gay dava esse espaço para nós. (Maria)

Por fim, uma das músicas do Bloco, que também foi divulgada na página do Facebook, dizia: "E para todas se amar / Visibilidade eu vou lutar / E se as sapas se unir / Lesbofobia vai cair".

Segundo Rancière (2005), a "partilha do sensível" é "[...]o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas" (p. 15). Na Parada LGBT, podemos observar, claramente a partilha do sensível e "[...] a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha" (Ibid.). Embora fosse um evento que agrupasse um coletivo *comum*, isso é, a comunidade LGBT de Belo Horizonte, a invisibilidade lésbica, apontada por diferentes participantes da Parada, definiu o "[...] fato de ser ou não visível num espaço *comum*, dotado de palavra *comum* etc." (RANCIÈRE, 2005, p. 16). O que havia de *comum* naquele momento? A luta LGBT, que deveria representar a todas as pessoas que abrangem a sigla. As mulheres lésbicas e bissexuais que subiram no palco não estavam ali à toa, mas porque partilhavam algum sentido naquele espaço-tempo comum. Porém, seguindo o pensamento de Rancière, havia outros



pequenos comuns envolvidos, em que a partilha do sensível afetou de forma diferente. "Um mundo comum nunca é simplesmente o *ethos*, a estadia comum, que resulta da sedimentação de um determinado número de atos entrelaçados. É sempre uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das ocupações num espaço de possíveis" (RANCIÈRE, 2005, p. 63).

Segundo o autor, há, ainda, uma estética na política, que "é um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência" (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Ainda nesse sentido, ele irá dizer que "as práticas artísticas são 'maneiras de fazer' que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade" (Ibid.). Podemos interpretar a intervenção das lésbicas na Parada Gay, por meio de depoimentos (tanto no palco, quanto no Facebook), de músicas com letras políticas, cartazes e gritos de visibilidade, como "formas de existência", "inscrição na sociedade" e formas "[...] de saída comprometidas de certo regime da política, um regime de indeterminação das identidades, de deslegitimação das posições de palavra, de desregulação das partilhas do espaço e do tempo" (RANCIÈRE, 2005, p. 18). Enfim, as mulheres lésbicas e bissexuais, com certeza, parte dos "sem-parte", instauraram um dissenso no "comum" da Parada LGBT através de diferentes ações.

#### e) Sarau

Outro evento realizado foi um sarau na Praça Raul Soares. Segundo a entrevistada Maria, realizar uma atividade nessa praça já é uma tradição da Caminhada. Mulheres cantaram e tocaram e formaram rodas de conversa na grama. A praça ganhou, assim, um sentido de espaço construído a partir do uso daquele grupo. Segundo De Certeau:

o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número de possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona portanto. (DE CERTEAU, 2012, p. 178)

A grama não era mais a decoração da praça, era onde as mulheres se sentavam para conversar em rodas. E por lá podia se passar, caminhar e sentar, ao contrário do normal e previsto. E a praça era o Sarau, e esses seus possíveis. É preciso lembrar, aqui, do que Rich (1980) fala sobre os laços e a cultura entre as lésbicas. Historicamente as mulheres lésbicas sofreram com a ausência de esteio social e com a eliminação de elementos culturais que produziram coletivamente. Esse



sarau, nesse sentido, é importante tanto para a sociabilidade entre lésbicas quanto para a celebração e perpetuação de elementos culturais produzidos pela comunidade lésbica.

#### f) Caminhada

Uma característica marcante em torno das lésbicas é a questão da invisibilidade. Esse aspecto marca a construção das identidades lésbicas (PAISON, 2008; DUNKER & BARBEIRO, 2010). Mas o que é essa invisibilidade? “O modo como escutamos intencionalmente algo, olhamos algo ou nos concentramos em algo tem um caráter profundamente histórico” (INNERARITY, 2012, p. 12). A invisibilidade lésbica não é um fenômeno do acaso, tem a ver com um apagamento histórico ligado às formações patriarcais das sociedades e das demais formas de submissão feminina. As lésbicas tiveram suas sexualidades apagadas - ora construídas apenas para o fetiche masculino, ora construídas apenas enquanto amizade. Como já citamos, a própria história dos movimentos lésbicos houve um apagamento tanto dentro do feminismo como dentro dos movimentos LGBT - apagamento simbólico, na linguagem dos movimentos, e também no espaço em que as próprias mulheres encontravam (ou deixavam de encontrar).

Num mundo da disputa pela atenção, no qual “não há nada pior do que passar despercebido, invisível” e “a própria existência parece incerta enquanto não for confirmada através do olhar dos outros” (INNERARITY, 2012, p. 13) a luta de um grupo que já tem de lidar com a invisibilidade se torna ainda mais centrada nessa questão. A entrevistada Maria menciona, ao falar sobre a importância da Caminhada, “um número grande de mulheres que assumem sua sexualidade e que demonstram sua existência diante da população da cidade”. Débora, na mesma pergunta, responde: “Eu acho que é muito importante, ter espaços, ter dias específicos pras lésbicas poderem ir pras ruas e reafirmar quem elas são, sabe? (...) Eu acho importante *para mim* continuar indo, e reafirmando que eu sou sapatão mesmo, vou lutar pelos meus direitos e vou sair às ruas. Eu acho que isso me motiva a continuar indo”. Sara, também nessa pergunta, contou: “Eu acho que a Caminhada é importante pra mim porque eu quero mostrar pra todo mundo que a gente existe, que nós não queremos ser violentadas, que nós temos direitos e eles precisam ser respeitados”. Raquel, por fim, responde: “Eu sou uma mulher lésbica ex-cristã. Tive um processo muito complicado de aceitação, e a Caminhada contribuiu para que esse processo fosse mais suave, e poder me afirmar lésbica hoje é algo que prezo muito. Quero reafirmar isso em todos os locais possíveis, mostrando que estamos aí, estamos em todo lugar e não permanecemos invisíveis.”. As quatro mencionam a visibilidade como algo central na importância que assumem à



Caminhada. “Demonstrar a sexualidade diante da população da cidade”, “poder ir pra rua e reafirmar quem são”, “mostrar pra todo mundo que a gente existe”, “quero afirmar isso em todos os locais possíveis” são falas que demonstram a importância para esses sujeitos de visibilizar o ser lésbica.

Fomos até a Caminhada da Visibilidade Lésbica e perguntamos: Qual a melhor parte em ser lésbica?

“Eu percebi que, como mulher lésbica, eu podia transformar o mundo muito mais. A partir do momento que eu desse *visibilidade pro meu desejo*, eu podia, na política, transformar muito mais e conquistar muito mais direitos pra mim e pra todas as minhas companheiras.”<sup>5</sup>

Podemos perceber, aqui, como o grupo tem conscientemente uma noção da sua lesbianidade enquanto “uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência” (RICH, 2010).

### **g) Intervenções no Facebook**

Por fim, para falarmos sobre atuação da Caminhada é fundamental salientarmos que não é possível pensar o offline sem o online, já que a internet e as redes sociais integram o espaço urbano - mesmo sendo diferente deste. Por isso, neste artigo também olhamos para os usos e intervenções nas redes sociais online, à luz de Alzamora (2014) e Sancho (2013).

Conforme Sancho (2013), citando um termo de Jones (1997), podemos definir assentamentos virtuais como “lugares online onde se constrói uma série de códigos culturais, às vezes efêmeros, às vezes mais duradouros, onde as pessoas se instalam e geram processos que incidem logo no espaço da vida offline” (SANCHO, 2013, p. 125). Essa construção de uma rede de sentidos que incide sobre a vida offline foi notável durante a observação dos eventos criados pela página da Caminhada em 2016. Afinal, os *posts* das organizadoras nos eventos eram recheados de gírias e expressões, de forma a gerar proximidade durante as interações e um espaço simbólico comum.

---

<sup>5</sup> Vídeo disponível em: <<https://www.facebook.com/caminhadalesbibh/posts/1206709782685250>>. Acesso em: 20 jan. 2017.



Atenção caminhoneiras de Belorihills e região!

Esse foi um ano de fortes emoções, a gente sabe...

Mas a gente segue na luta! E pra fechar 2016 com um pinguinho (ou uma pinguinha) de alegria, vamo juntar o bonde no Tang pra comemorar o sucesso da nossa Caminhada desse ano! Foram muitos eventos, muita gente colando e muita sapatonice!

Então chama as ~amigas, as crushes, os contatinhos, a prima que saiu do armário, a ex, e vem tomar umas com a gente!

Obs.: deixa a Scania em casa e vem de bus, a pé, de Uber, pq é difícil estacionar caminhão no centro!

Figura 2 - Post no Facebook com linguagem próxima e descontraída



Figura 3 - Post no Facebook com linguagem próxima e descontraída

Especialmente se tratando de movimentos sociais, Alzamora (2014) destaca a forma "como a relação das pessoas com os meios de comunicação alternativos interferiu nas realidades políticas e sociais"<sup>6</sup> (p. 21) e como a internet tem um papel fundamental, ao possibilitar indivíduos ordinários a exercerem uma comunicação efetiva e para além das fronteiras geográficas. Embora a autora esteja tratando das manifestações que ocorreram em 2013 (ou Jornadas de Junho), a sua definição de participação no Facebook se adequa ao que observamos com os eventos criados pela Caminhada: "A intrincada relação entre as redes sociais e as ruas na

<sup>6</sup> Tradução nossa, do original: "destacan como la relación de la gente con los medios de comunicación alternativos interfirió en las realidades políticas y sociales."



configuração dos protestos brasileiros foi evidenciada por eventos de Facebook, que frequentemente cumprem o papel de manifestantes antes, durante e depois das manifestações nas ruas"<sup>7</sup> (Ibid.).

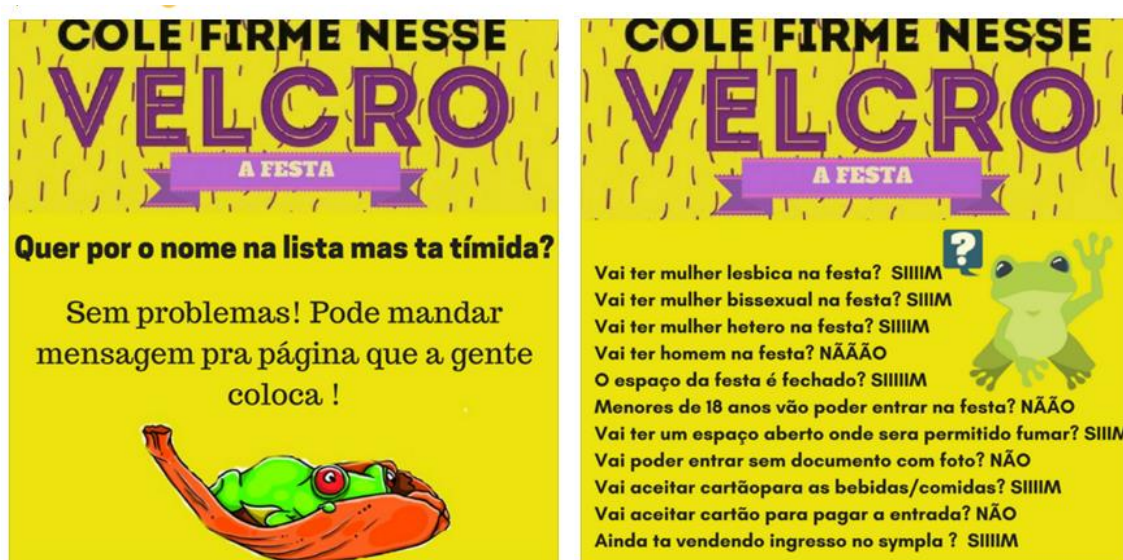


Figura 4 e 5 - Exemplos de interações das organizadoras com as participantes

## 5. Considerações Finais

Não tivemos a intenção, com este artigo, de entender objetivamente toda a Caminhada através dos relatos, mas sim de explorar alguns aspectos que essas falas mencionaram e abriram caminho, afinal, “os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo” (DE CERTEAU, 2012, p. 188). Esses relatos puderam nos fazer entender um pouco das práticas desse grupo, entendendo assim as formas como interviam no espaço urbano de Belo Horizonte. Isso foi possível porque “todo relato é um relato de viagem - uma prática do espaço” (DE CERTEAU, 2012, p.200) e essa foi nossa perspectiva das entrevistas.

Tanto nas postagens no Facebook, quanto nas entrevistas, o que ficou mais evidente foi o consenso das participantes sobre a importância da Caminhada pela busca por visibilidade lésbica e por mais espaços públicos exclusivos para lésbicas e bissexuais na cidade, bem como um crescimento positivo das atividades em 2016. Conforme Butler (2011), "quanto maior aceitação cultural, quanto mais discurso cultural, quanto mais presença na mídia, quanto mais as pessoas têm proximidade com gays, lésbicas e trans, mais essas vidas se tornam concebíveis. Passa a ser uma possibilidade cultural,

<sup>7</sup> Tradução nossa, do original: "La intrincada relación entre las redes sociales y las calles en la configuración de las protestas brasileñas fue evidenciada por los eventos de Facebook, que a menudo cumplen el papel de manifestantes antes, durante y después de las manifestaciones en las mismas calles."



porque a existência já está no mundo"<sup>8</sup>. Ao lutar para se tornarem visíveis, as lésbicas instauram um conflito, uma divergência ou uma provocação ao mundo heteronormativo e patriarcal. Em relação às tensões, a Parada LGBT foi citada algumas vezes como um local que invisibiliza lésbicas, mesmo quando deveria ser um espaço-tempo com um plano *comum* sensível (RANCIERE, 2005) à comunidade LGBT, inclusive as lésbicas.

Além disso, notamos grande criatividade presente nas postagens e nas ações elaboradas, marcadas por uma comunicação descontraída e próxima, e formas imaginativas de "invenção do cotidiano" (DE CERTEAU, 2012). De Certeau disse: "eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos - multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade" (DE CERTEAU, 2012). Tentamos, neste artigo, justamente, explorar algumas dessas ações resistentes, astuciosas e teimosas, que escaparam à disciplina e que nos impressionaram devido à familiaridade da cidade, além da capacidade de inventar táticas e, enfim, de usar, apropriar e intervir em Belo Horizonte a fim de buscar visibilidade, espaços e direitos.

É então que chegamos no ponto principal sobre a atuação dessas mulheres lésbicas e bissexuais. O que De Certeau (2012) fala sobre as táticas, usos e a criatividade dos sujeitos, o que Ranciere (2005) fala sobre a política do dissenso e do cotidiano dos sem-parte e o que Butler (2015) fala sobre as possibilidades locais de intervenção e as estratégias subversivas é, em certa medida, o que Adrienne Rich disse em 1980 ao dissertar sobre a atuação das mulheres.

Podemos, então, iniciar o estudo da luta das mulheres contra a falta de poder, a rebelião radical das mulheres, não apenas em 'situações revolucionárias concretas' definidas em termos masculinos, mas em todas as situações em que ideologias masculinas não as tenham visto como revolucionárias – por exemplo, a recusa de algumas mulheres de ter filhos, ajudadas, apesar do grande risco, por outras mulheres e a recusa de contribuir com um padrão mais elevado de vida e de lazer para os homens (RICH, 2010, p.40).

Organizar um campeonato de futsal, um festival com aulas de forró, um sarau de poesia ou uma exibição de um filme não são entendidos, na lógica tradicional (e dos homens) enquanto ações políticas. Mas as lésbicas nunca foram, e continuam não sendo, parte do mundo da política

<sup>8</sup> Tradução nossa, do original: "The more cultural acceptance, the more cultural discourse, the more media presentation, the more proximity that people have to gay, lesbian and trans people, the more that life becomes thinkable. It becomes a cultural possibility that one can consider, because it's already in the world". BUTLER, J. *How Discourse Creates Homosexuality*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3VqvCndtYCG>> Acesso em: 6 mar. 2017.



tradicional, heteronormativa e masculina. Já o que as lésbicas sempre tiveram dificuldade, devido à opressão, violência e a invisibilidade, é criar laços e comunidades próprias. Daí o sentido tão forte e tão relevante da atuação da Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte - a construção de espaços e experiências partilhadas, a construção de outra forma de política calcada no dia-a-dia dessas mulheres, na criatividade, nas diferenças entre si e especialmente na consciência de que cada ação é uma ação de resistência.

---

## Referências

- ALZAMORA, Geane; BRAGA, Carolina. Las redes sociales, armas de protesta. Twitter y Facebook en las protestas de movimientos sociales en España y Brasil. In: PAVIA, Carme F. *El uso de las redes sociales: ciudadanía, política y comunicación. La investigación en España y Brasil*. Bellaterra : Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2014. p. 16-29.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *How discourse creates homosexuality*, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3VqyCndtYCg>>. Acesso em: 6 mar. 2017.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2012. Caps. III (Fazer com: usos e táticas), VII (Caminhadas pela cidade) e IX (Relatos de Espaço).
- FALQUET, Jules. Breve reseña de algunas teorías lésbicas. *Diccionario crítico del feminismo*. Paris: GEDISST/Madrid: Editorial Síntesis, 2002.
- NAÍSA, Letícia. *Relembramos como foi a primeira parada LGBT do Brasil*, 2016. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/primeira-parada-lgbt-do-brasil](https://www.vice.com/pt_br/article/primeira-parada-lgbt-do-brasil)>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notes for a politics of "abnormality". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas*, n. 5, p. 17-44, 2010.
- SANCHO, Guiomar R. De las redes a las plazas: la web 2.0 y el nuevo ciclo de protestas en el mundo. *Acta Sociológica*. n.62, 2013. p. 105-134.
- SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. *Cadernos pagu*, n. 12, p. 109-120, 2015.
- WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Beacon Press, 1992.
- WITTIG, Monique. One is not born a woman. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (Ed.). *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p. 103-109.

